FRADIQUE MENDES: AUTOR DE AUTORES

FRADIQUE MENDES: AUTHOR OF AUTHORS

Eduardo Gonzales Moreira (USP)[1]

RESUMO: O trabalho proposto tem por objetivo mostrar como uma personagem inicialmente criada por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, em *O mistério da estrada de Sintra*, se torna com as *Correspondências de Fradique Mendes* um heterônimo e, assim, um autor que ganha propriedade e passa a ser efabulado por Eduardo Agualusa, José Antônio Marcos e Fernando Venâncio.
PALAVRAS-CHAVE: Fradique; Eça; Agualusa; Venâncio; Efabulação.

ABSTRACT: The proposed work aims to show how a character originally created by Eça de Queiroz and Ramalho Ortigão in The Mystery of the Sintra Road becomes Matches with a heteronym Fradique Mendes and thus an author who gets the property and is by Eduardo Agualusa be fabled, José Antonio Marcos and Fernando Venancio.
KEY WORDS: Fradique; Eça; Agualusa; Venâncio; Invention.

Ao abrir um exemplar de *A Correspondência de Fradique Mendes* em um sebo da avenida Liberdade, em São Paulo, pude ler, de relance, e entre a parte biográfica de Fradique e suas cartas, uma anotação do antigo dono deste exemplar; era assinado por Josías, e datava de 30 de maio de 1949: "Gostei muito de Eça nessa primeira parte, a segunda creio que não é dele, mas a primeira vale pelo autor". Além de trazer abaixo alguns dos romances lidos: "Já li dele: - *Prosas Bárbaras, Últimas Páginas, Os Maias, O Crime do Padre Amaro, Ilustre Casa de Ramires, O Mandarim, O Primo Basílio e Correspondência de Fradique Mendes*".

Certamente, e pelas leituras feitas, este leitor não tinha conhecimento de que Fradique Mendes fora criação de Eça de Queirós (levando em consideração também a coautoria de Jaime Batalha Reis e Ramalho Ortigão). Curioso perceber que a leitura da primeira parte, para ele, valeu simplesmente por ter lido um autor que ele admirava. Já a segunda, que seria de outro autor, pareceu não ter valido tanto a pena, pois há neste exemplar inúmeras anotações e apontamentos à caneta na primeira parte, e há alguns poucos grifos, e após as cartas nenhuma observação.

Este exemplar de *A Correspondência de Fradique Mendes*, que data de 1923 (sétima edição), achado em um sebo de São Paulo foi definitivamente providencial para que pudesse discutir como o processo autor-autoria e função-autor acontecem em relação a esse heterônimo queirosiano. O que há em Fradique para que o torne vivo, único? Não só para Josias, mas para qualquer outra pessoa que, sem saber da história de formatação do heterônimo, lesse um Fradique Mendes?

Em um primeiro momento julgo desafiadora a leitura deste *autor* Fradique Mendes. Pois lê-lo é não ler Eça ou Ramalho, é ler algo novo e principalmente algo

[1]Aluno de mestrado do programa de pós graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Contato: edumoreira@usp.br

único em um sentido estilístico. O que Fernando Pessoa fará magistralmente no modernismo português, com a criação de Álvaro de Campos, e Ricardo Reis entre outros. Portanto, ler Ricardo Reis não é ler Pessoa, e ler Fradique não é ler Eça.

Essa força narrativa se dá pela constituição de uma função autor, Eça constrói antes de qualquer texto assinado por Fradique uma biografia deste homem. E o torna real principalmente quando cria um texto em primeira pessoa em que conta sobre seus encontros com o autor das *Lapidárias*. Trata-se de primeiro apresentar a pessoa (o autor) para depois apresentar sua produção (cartas), que é definitivamente composta com um estilo peculiar – o que acredito que tenha feito o Sr. Josias achar que as cartas não tenham sido escritas por Eça. Sobre a simulação da existência de Fradique o Prof. Paulo Motta disserta:

> São, por sinal, várias as formas que o narrador do livro, que se assume como Eça, utiliza para simular a real existência de Fradique. Uma das mais frequentes é o uso do testemunho de seus amigos e contemporâneos. Por exemplo, após afirmar que o autor das Lapidárias "do outono de 1875 ao verão de 1876" travou contato, em Lisboa, com "alguns dos seus camaradas", o memorialista passará a se referir a opiniões desses amigos sobre Fradique, incluindo aqui – num procedimento que, como vários desse livro, poderíamos considerar como bastante camiliano – a transcrição de cartas de Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro. Em outro segmento do livro – aqueles que são discutidas as características da suposta obra que teria sido escrita por Fradique, e que estaria nos papeis que o autor das Lapidárias, após a sua morte, legou a Madame Lobriska – serão expressas, entre outras, as opiniões de J. Teixeira de Azevedo, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão. (Oliveira 2001: 92-3)

O caso Fradique Mendes, a meu ver, vai além de um heterônimo clássico, ou seja, aquele personagem que ganha *status* de autor real. Ela vai, no decorrer do tempo, e aqui o meu objeto de pesquisa, ganhando cada vez mais forma de realidade, não só pelas mãos dos autores que eu me proponho trabalhar (Eça de Queiroz, José Eduardo Agualusa, José Antônio Marcos e Fernando Venâncio), mas sim pelas mãos de todos os efabuladores. Há em cada efabulação novas informações sobre a vida desse autor, há em cada nova criação o aproveitamento de lacunas narrativas para que mais peripécias desse "herói", desse *dandi*, desse *flâneur* venham à tona.

Um dos autores efabuladores, Fernando Venâncio, autor de *Esquemas de Fradique*, em um de seus textos de crítica: *Objetos achados – Ensaios literários*, enumera os principais autores que efabularam sobre Fradique Mendes em ordem cronológica, e apresenta a sua trajetória nos diferentes textos.

João Chagas: 1909 - "a Fradique Filho, que, de Paris, pergunta quando acaba isso" Carta direcionada a João Chagas, que informa Fradique dos acontecimentos portugueses, e este articula críticas sobre a sociedade portuguesa e apoia o fim da monarquia. Antônio Sardinha: Artigo publicado no "In Memoriam de Eça de Queiroz", em 1922, cogita o destino e o conteúdo do espólio de Fradique Mendes. Diz que Eça afiançava esta em posse de Mme. Lobriska, a última amante do janota. Ela teria levado um cofre com toda a publicação de Eça para a Rússia. E soube que todo o espólio do excêntrico homem fora perdido em um incêndio do palácio de Palidoff, onde estavam

guardadas, isso acontecera durante a revolução de 1917. Sardinha descobre que Fradique e Lobriska tiveram um filho, que se torna cônsul e se encontra com Eça de Queiroz e com Pio XI, a quem piedosamente pediu para que orasse pela salvação de Portugal. Descobre também que quando velho o filho de Fradique queima uma a uma as folhas do livro de seu pai. Frederico Perry Vidal, 1950. Escreve um livro chamado "O Único Filho de Fradique Mendes". José Antônio Marcos (pseudônimo sob que escrevem os dois juristas Antônio Pereira Monteiro Fernandes e José Pedro Fernandes), 1996. Discute as questões de autenticidade sobre algumas cartas atribuídas a Eça, e em especial uma de Fradique. José Eduardo Agualusa, 1998. Coloca Fradique em novas situações, em África, "levando a mistificação fradiquiana a um nível incalculável. Sendo totalmente credível como história". E por fim, mesmo que o próprio autor não mencione seu próprio livro *Esquemas de Fradique Mendes*, 1999, em que um jornalista, Martinho, faz uma pesquisa minuciosa sobre a vida de Fradique, descobrindo novos descendentes, e até mesmo se encontrando com alguns deles.

O que vemos aqui, contudo, é um heterônimo sendo criado no decorrer do tempo, e por várias mãos. E nesse processo há uma coerência bastante interessante. Em toda essa produção parece que nada escapa daquele Fradique original queirosiano, engajado, crítico, irônico, mas em cada mão há também algo de singular. Todos eles carregam o mesmo caráter de inovação do primeiro Fradique, de Eça a Venâncio, ou ao futuro efabulador, que certamente virá, um homem novo, além de seu tempo e defensor de causas.

> A criação da personagem Carlos Fradique Mendes conteve, desde o primeiro instante, um elemento de provocação, e, portanto um estímulo" "E é esta assumida artificialidade [representar o satanismo – inovação poética], sublinhada pelo abraçar de uma moda, o que veio permitir, e estimular, o à-vontade de quantos, e foram bastantes, se decidiram a recriar Fradique Mendes. Pode dizer-se que o convite à efabulação está no próprio seio da figura. (Venâncio 2002: 157). Moral desta história: a grande criação de Eça de Queiroz continua, com espetacular perenidade, a canalizar as mais diversas preocupações. (Venâncio 2002: 166)

Portanto, um jogo de paráfrases e paródias assinadas por um mesmo heterônimo, que carrega elementos que são respeitosamente coerentes nas efabulações, a excentricidade, a coragem, a ação, a visão e análise minuciosas dos fatos, extremamente politizado etc. Acredito que sempre quando se há algo a dizer sobre Portugal, África ou até mesmo Brasil, Fradique é uma ótima voz, principalmente quando há a necessidade de um tom irônico:

> A propósito de castelos: cartas de Portugal anunciaram-me que o quiosque por mim mandado erguer em Sintra, na minha quintarola, e que lhe destinava como "seu pensadoiro e retiro nas horas de sesta" - abateu. Três mil e oitocentos francos achatados em entulho. Tudo tende à ruína num país de ruínas. O arquiteto que o construiu é deputado, e escreve no Jornal da Tarde estudos melancólicos sobre as Finanças! (Queiroz 1923: 143 - Carta escrita em Paris, à Madame de Jouarre)

> Procurador-de-Cristo é o curioso nome com que no nordeste desse país

> são conhecidos os assassinos profissionais. Ao receberem uma proposta de trabalho, os pistoleiros vão com os mandantes à missa, e no momento solene em que o sacerdote ergue a hóstia, recebem o salário combinado e a bala com que hão-de executar o serviço. Através deste ritual os assassinos acreditam-se libertos da responsabilidade do crime, pois Cristo viu-os do altar, testemunhou o compromisso assumido e guardou o rosto do mandante. (Agualusa 1998: 104 – Carta escrita em junho de 1877, Rio de Janeiro, para o amigo Eça de Queiroz)
>
> Passa-se então que o Rei encarregou o Fradique Mendes de determinadas missões de observação, bom, chamemos a coisa pelo nome, espionagem. (Venâncio 1999: 156 – Martinho fala sobre possíveis trabalhos de espionagem contratados pelo rei.)
>
> Bem ao contrário, eu sou o mais exemplar representante do típico português da alta burguesia: Tenho no banco as minhas inscrições a seis por cento ao ano, gosto de ouvir uma boa pilhéria ou um picante boato político digo diariamente mal do meu país e adoro o bacalhau de cebolada. A circunstância de me vestir de Poole não me subtrai – ao contrário do que os meus amigos julgam – à fatalidade hereditária de ser português! (Marcos 1996: 183)
>
> Só lhe posso comunicar uma impressão d´homem, que passou e olhou. E a minha impressão é que os brasileiros, desde o imperador ao trabalhador, andam a desfazer e, portanto, a estragar o Brasil. (Queiroz 1938: 380 – Última Carta de Fradique Mendes, Paris, 1888.)

Ler Fradique Mendes é ler também a história portuguesa, levando em consideração também, e principalmente, as relações dessa nação com suas colônias e ex-colônias. É muito cuidadoso o trato narrativo português principalmente quando há a elaboração de uma personagem criada para criticar a política e a cultura portuguesas frente sua condição periférica na Europa. Tratar Fradique narrativamente é se enveredar em assuntos delicados para o português, como a própria questão da identidade nacional, e criticar isso com um homem em que em sua essência não há o olhar português e, como visto acima, há somente uma "fatalidade hereditária de ser português".

Fradique escreve suas cartas de Paris (quando em Eça e Marcos), de Angola e Brasil (quando em Agualusa), portanto, um cidadão do mundo. A condição portuguesa de apatia, de não movimento, de vida em espera do mito (sebastianismo) não se aplica ao olhar aguçado de Fradique Mendes, o que o aproxima da biografia de seu principal criador:

> Alguns veem a personagem como alter-ego do seu criador, tamanhas são as afinidades [que] podem ser encontradas entre o pensamento de Eça e as reflexões elaboradas com o fino humor que caracteriza sua personagem. Outros percebem em Fradique uma identidade maior não com o escritor, ou melhor, não apenas com ele, mas com o ambiente burguês característico do final do século XIX europeu. (Fonseca 2001: 254)

Venâncio, em entrevista na cidade de Lisboa, em 11 de janeiro de 2011, e quando perguntado se há algo de legitimamente português na figura de Fradique, afirma:

> Eu creio que uma das graças da figura é que exatamente tem muito pouco da figura do português. Alguém que acumula durante a sua vida várias existências. É impossível alguém que tenha existido ou que pudesse fisicamente fazer tudo o que ele fez. Nem viveu muito, creio que ele morreu com cinquenta e poucos anos, e, no entanto, ele teria visitado praticamente tudo no mundo, menos a África austral, onde o Agualusa o leva, e eu creio que também não o Brasil. Nesse sentido o Agualusa ainda junta a impossibilidade que o Eça descreve com uma outra impossibilidade. Alguém que visitou quase o mundo inteiro, que contactou com toda a gente importante que havia no mundo, que leu tudo o que havia de importante pra ler, o que é muito, que aprendeu uma porção de idiomas, e que ainda tinha tempo para a sua existência de *dandi*, com as suas aventuras, com seus esportes. É um personagem impossível de existir, e nesse sentido ele poderia no máximo ser um inglês com umas tintas francesas, tintas de italiano, mas português muito pouco. Eu não tenho a certeza do que vou dizer, mas podíamos suspeitar que o Eça fez dele alguém que exatamente não poderia ser português. E no entanto era português. Honra-nos muito. Fradique seria o melhor de nós. O melhor no sentido neutro, portanto a melhor parte de nós, e também o melhor do indivíduo português pensável. E talvez essa não só possibilidade de ele existir como pessoa, mas também a sua não portugalidade, talvez tudo isso faça parte do jogo mental que o Fradique é. É um jogo mental do Eça. A quem entre pela simbologia e diga que é uma espécie de descompensação do Eça, que sempre teria tido um complexo de inferioridade, ao ser um filho ilegítimo. Não é necessário entrar pela simbologia. A construção daquela figura genial, ou melhor a genial construção daquela figura já enche todas as medidas. (Venâncio 2011: entrevista revista Contraponto PUC-Minas)

Contudo, vemos que há força narrativa suficientes nesse heterônimo para que possamos tratar da função autor, ou seja, o que esse autor representa para que tudo aquilo que ele produza possa ser dito como sua obra, e tenha caráter valorativo para uma população leitura. Foucault (2009:37) nos coloca uma questão bastante interessante sobre a definição de obra: "O que é uma obra? Em que consiste essa curiosa unidade que designamos por obra? Que elementos a compõem? Uma obra não é o que escreveu aquele que se designa por autor?" Se analisarmos Fradique Mendes como autor temos um processo de extrema complexidade em relação à sua "obra". Sabemos que esse heterônimo é resultado da criação de Eça, mas esse heterônimo é um autor de extrema importância que extrapola a própria obra de seu criador, chegando ao ponto de esse mesmo Fradique influenciar posteriormente toda a obra do próprio Eça. Questão levantada por Ana Nascimento, em seu estudo intitulado "Fradiquismo e Modernidade no Último Eça", de 2003.

Será que tudo aquilo que Eça nos deixou, como diria Foucault, até mesmo um

recibo de lavanderia, seria dito parte de sua obra? Certamente não. Mas e se Fradique Mendes nos tivesse deixado recibos de lavanderia? Qual seria o valor disso? Certamente esse simples recibo poderia ser mote, em quaisquer das mãos (Eça, Agualusa, Marcos, Venâncio) para preencher as lacunas narrativas dessa imensa biografia. Poderia de fato ser estopim para que um futuro efabulador encontre um erro (assim como Venâncio aponta em Agualusa) de cronologia nessa imensa rede de criação. E ao mesmo tempo que esse recibo não fosse real, faria mesmo assim parte de uma biografia que beira o real, beira o histórico. Qualquer elemento que adicionasse informação a esse autor Fradique Mendes seria bem-vindo para explicar qualquer ponto da linha cronológica desse autor enigmático.

> Apercebemo-nos da crescente quantidade de questões que se põem a propósito da noção de obra. De tal forma que não basta afirmar: deixemos o escritor, deixemos o autor, e estudemos a obra em si mesma. A palavra "obra" e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor (Foucault 2009: 39)

O que falar desse processo quando há Fradique Mendes no centro dessa teia?

Como em camadas (discursivas) Fradique Mendes, em sua autoria, cresce indefinidamente. No centro dessa "cebola" está o Fradique de Eça e Ramalho, na camada superior está o Fradique de Correspondências, acima os efabuladores, até Venâncio, e todos compostos coerentemente, formando uma esfera perfeita. Nesse jogo qualquer incoerência faria um calombo na esfera. E acima dessa última camada há ainda camadas virtuais e potenciais. Camadas que não carregam autores, mas potencialmente existem, e indefinidamente. Posso dizer, pois, que há um Fradique autor acima de todos os outros. Há um potencial de criação imenso, e todo esse potencial, o que nos é bastante interessante, é autobiográfico, como se a vida desse grande autor só pudesse aumentar, por isso todo fato seria de eventual criação, todo objeto deixado, toda lacuna seria de potencial preenchimento, até mesmo com um recibo lavanderia. E quando essas lacunas acabarem haverá descendentes infinitos que sempre terão algo a dizer sobre Fradique, um novo olhar, uma nova perspectiva até mesmo de um mesmo fato (como ocorre em Venâncio).

Há um outro processo bastante interessante na constituição de Fradique que é, a meu ver, um deslocamento da função autor-criador. Segundo Bakhtin há um autor-pessoa, que é aquele representado pelo autor em sua vida particular, e ao autor-criador que corrobora o discurso de Foucault sobre a função autor, aquele que se coloca como produtor de um discurso e transforma a matéria real em ficção, exteriorizando nesse processo um caráter valorativo.

> Para se apreender as bases dessa conceituação [uma substância peculiar que caracteriza o autor-criador fundamentalmente como uma posição axiológica], é importante assinalar que, para Bakhtin, a grande força que move o universo das práticas culturais são precisamente as posições socioavaliativas postas numa dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas. Em outras palavras, todo ato cultural se move em uma atmosfera axiológica intensa de inter-determinações responsivas, isto é, em todo ato cultural assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas. (Brait 2006: 38)

No processo de criação de Fradique Mendes temos um heterônimo que parece responder aos anseios de seu autor, parece falar por ele, apresenta-se até mesmo como um alter-ego, como afirma Fonseca. Esse novo-autor começa a ganhar voz, mas já não é a voz queirosiana, começa a ganhar autonomia de discurso, já que se apresenta como personagem histórico e interage com pessoas reais, como dito, amigos de Eça. Há portanto um deslocamento do autor-criador, como se Eça tivesse a necessidade de criar um autor para que esse, desprendidos das amarras sociais, e com sagacidade e excentricidades suficientes para que discurso produzido por esse autor-criador pudesse ser mais independente, solto, se fizesse ouvir com uma voz amplificada. Além disso há no estilo de Fradique algo de mais inflamado já que é um dandi e vive em viagens pelo mundo, principalmente pelo oriente. Um homem livre que tem como única e principal ocupação a observação, um *flâneur* que extrapola as fronteiras das galerias de arte e dos *boulevards*. Seu discurso pode ser também livre e sem preocupações.

Há algo, também, no gênero escolhido por Eça para compor Fradique que corrobora com a afirmação de independência e potencialidade, principalmente no sentido de oferecer ao texto maior credibilidade. A confidencialidade do gênero epistolar faz com que o texto se torne quase um documento secreto que vem a público, arrebatador ou revelador. Ler uma carta de Fradique é como entrar nos eu íntimo de descobrir as suas verdadeiras impressões sobre algo, pois há somente um destinatário, e geralmente amigos ou confidentes amorosas (essas últimas sem muito valor crítico). Ler uma carta é ter informações que possivelmente não teriam pessoalmente (tempo de elaboração do discurso) ou que não se teria em público.

> Tem-se discutido muito sobre as vantagens e desvantagens literárias da forma epistolar na ficção. As desvantagens são óbvias – a implausibilidade do incessante recurso da pena, a repetição e a prolixidade que o método impõe muitas vezes nos fazem aprovar a imprecação de Lovelace: "Que apodreçam o ganso e a pena do ganso!". A principal vantagem consistem no fato de as cartas serem a prova material mais direta da vida interior de seus autores. Ainda mais que as memórias são, para repetir a frase de Flaubert, "le réel écrit", e sua realidade é do tipo que revela as tendências subjetivas e privadas do autor com relação ao destinatário e às pessoas mencionadas, bem como seu próprio íntimo. Conforme o dr. Johnson escreveu a mrs. Thrale: "As cartas de um homem […] são apenas o espelho de seu peito, tudo que se passa dentro dele revela-se indisfarçado em seu processo natural. Nada é invertido, nada é distorcido, vemos sistemas em seus elementos, descobrimos ações em seus motivos. (Watt 2010: 202)

Mesmo sendo resultado de efabulações recorrentes, e talvez por isso mesmo, Fradique Mendes se tornou um autor singular, que não admite a separação entre um autor-pessoa e um autor-criador. É resultado de camadas discursivas que, mesmo nelas havendo as intenções de seus determinados autores, se torna maior do que essas intenções e ainda maior do que cada autor que o compôs, pois os engloba em um jogo narrativo que encanta e ganha, definitivamente, vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, Eduardo. *Nação Crioula*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

_____ &, SCARPELLI, Marli Fantini. *Portos Flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos.* São Paulo: Ateliê, 2004.

BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: Conceitos-chave.* São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Fradique Mendes nas rotas do Atlântico Negro. In: *Os Centenários: Eça, Freyre e Nobre*. Belo Horizonte: FALE.UFMG, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Arquiologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Coleção ditos e escritos II. Forense Universitária, 2008.

_____. *O que é um autor?*. 4. Edição. São Paulo: Editora Passagens, 2009.

MARCOS, José Antônio. *O Enigma das Cartas Inéditas de Eça de Queirós*. Lisboa: Cosmos, 1996.

PIEDADE, Ana Nascimento. *Fradiquismo e modernidade no último Eça – 1888-1900*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

QUEIROZ, Eça. *Correspondência de Fradique Mendes*. Porto: Lello & Irmão, 1946.

_____. *O mistério da estrada de Sintra*. São Paulo: Editora Arte e Letra, 2008.

_____. *Últimas páginas*. Porto: Lello & Irmão, 1938.

VENÂNCIO, Fernando. *Os Esquemas de Fradique*. Lisboa: Grifo, 1999.

_____. *Objetos achados*. Porto: Caixotim Edições. 2002.

_____. No Rossio, Café Nicola, uma viagem no tempo na companhia de Fradique Mendes: depoimento. [11 de janeiro, 2011]. São Paulo: *Revista Contraponto – PUC Minas*. Entrevista concedida a Eduardo Gonzales Moreira.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

Artigo recebido em 17 de agosto de 2011 e aprovado em 21 de setembro de 2011.